
EDITORIAL

Este número da Revista Psicologia Argumento se apresenta temático pela primeira vez, inaugurando um novo estilo de organização. É bastante auspicioso que o primeiro tema escolhido tenha sido a abordagem psicanalítica e seus desdobramentos científicos, clínicos e culturais. Sabemos o quanto a Psicanálise sempre compôs com a idéia de inovação, de estilo e de mudanças. Desde sua invenção, traz a marca de uma ruptura com um pensamento tradicional, linear e confortável. Nestes mais de cem anos de existência, construiu um corpo teórico que se encontra presente em todas as culturas, com especial ênfase nas do Ocidente. Uma série de significantes psicanalíticos faz parte do discurso comum cotidiano, bem como fenômenos antes inexplicados, como os lapsos, atos falhos, puderam se tornar reconhecíveis.

Atualmente, a Psicanálise ocupa um importante lugar: o de se contrapor a uma ideologia dominante no que se refere a uma determinada maneira de se fazer ciência e que tem como marca primordial a retirada do elemento sujeito da questão. Assim, a forma de fazer ciência da Psicanálise continua dando importância às formações subjetivas, às formações culturais, apesar da invasão tecnocrática e da manipulação química no universo humano.

O psicanalista aí está para lembrar que é na linguagem e suas formações, inclusive inconscientes, que está a essência do homem, que somente a partir desta dimensão é possível ter uma identidade e ser singular, desejante, capaz de produzir algo novo e transformar o mundo. Também traz o incômodo de alertar para o fato de que o mal-estar é estrutural no homem e parte integrante de sua condição de habitante de um mundo simbólico. Portanto, a felicidade pregada na ideologia pós-moderna e buscada na pluralidade dos objetos que prometem um gozo pleno ou nos diferentes medicamentos que garantem uma anestesia geral deve manter-se como voto, mas que estejamos prevenidos de que sua realização pode levar ao pior.

A partir do fio condutor da Psicanálise, os artigos aqui apresentados abordam uma pluralidade de campos: a obesidade infantil, questões técnicas do trabalho psicanalítico com crianças, a relação mãe-bebê, a solidão adolescente a partir da obra de um poeta, uma análise de um mito regional a partir do conceito de arquétipo e o conceito de forclusão.

Nosso voto é de que o leitor se deixe conduzir por este fio e arme novas costuras e amarrações em sua prática e suas vivências teóricas, clínicas ou pessoais.

Prof^a Dr^a Leda Mariza Fischer Bernardino